



**24° ENANCIB**  
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação  
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



**XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades**

**PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DAS MESTRAS DO TAMBOR DE CRIOLA DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO**

***PRODUCTION OF KNOWLEDGE BY MASTERS OF THE TAMBOR DE CRIOLA OF SÃO LUÍS DO MARANHÃO***

**Hercilia Jeane dos Santos Alves Oliveira** – Universidade Federal do Cariri (UFCA),  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

**Leyde Klebia Rodrigues da Silva** – Universidade Federal do Cariri (PPGB/UFCA), Universidade  
Federal da Bahia (UFBA)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo** A produção de conhecimento pelas Mestras do Tambor de Crioula em São Luís do Maranhão, enfatizando o protagonismo das mulheres negras nos contextos cultural e social é o objeto de estudo da pesquisa. Objetiva-se compreender como as mestras do Tambor de Crioula de São Luís do Maranhão produzem conhecimento, a partir de seus lugares e corpos políticos. Metodologicamente baseia-se na interseccionalidade, tendo uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa. Utiliza-se de entrevistas em profundidade com as mestras, observação direta e análise documental de registros históricos e culturais. Os resultados esperados incluem uma análise detalhada da produção de conhecimento pelas Mestras do Tambor de Crioula, destacando suas experiências, saberes e contribuições para a cultura afro-brasileira e para a sociedade em geral. Com este estudo, pretende-se contribuir para a valorização e preservação da cultura afro-brasileira e promover o protagonismo das mulheres negras no Tambor de Crioula, reconhecendo a importância de suas práticas e conhecimentos na construção de uma narrativa cultural mais inclusiva e diversificada. O estudo também espera fomentar discussões acadêmicas e sociais sobre a importância da valorização das culturas tradicionais e a necessidade de reconhecimento e apoio às mulheres negras que atuam como semeadoras das tradições.

**Palavras-chave:** Mestras do Tambor de Crioula – São Luís do Maranhão; produção de conhecimento; protagonismo de mulheres negras.

**Abstract:** The production of knowledge by Masters of the Tambor de Crioula de São Luís do Maranhão, emphasizing the protagonism of black women in cultural and social contexts is the object of study of the research. The aim is to understand how the masters of the Tambor de Crioula de São Luís do Maranhão produce knowledge, based on their places and political bodies. Methodologically, it is based on intersectionality, having a qualitative, descriptive and interpretative approach. It uses in-depth interviews with the teachers, direct observation and documentary analysis of historical and cultural

records. The expected results include a detailed analysis of the production of knowledge by Masters of the Tambor de Crioula, highlighting their experiences, knowledge and contributions to Afro-Brazilian culture and society in general. With this study, we intend to contribute to the appreciation and preservation of Afro-Brazilian culture and promote the protagonism of black women in Tambor de Crioula, recognizing the importance of their practices and knowledge in the construction of a more inclusive and diverse cultural narrative. The study also hopes to encourage academic and social discussions about the importance of valuing traditional cultures and the need for recognition and support for black women who act as sowers of traditions.

**Keywords:** Masters of the Tambor de Crioula - São Luís, capital of Maranhão; knowledge production; black protagonism.

## **1 INTRODUÇÃO**

O lugar no mundo, deste trabalho, está situado a dois graus ao sul da Linha do Equador, linha esta imaginária que tem funções importantes políticas e geográficas, pois divide nossa terra em norte e sul. Nesta zona de sol incandescente onde os raios solares e o calor incidem com mais vigor e que possui apenas o verão como estação do ano bem definida, encontra-se uma das maiores resistências negras, em se tratando de cultura popular deste país e tema deste trabalho.

O estado do Maranhão, situamos como marcador geográfico deste, pois é um estado cantado e declamado por suas riquezas naturais, arquitetônicas e culturais, além de uma localização geográfica estratégica em termos científico-aeroespacial, pois em seu território está a Base de Lançamento de Foguetes de Alcântara (CLA), cuja importância está relacionada a sua proximidade com a Linha do Equador, apenas 250km as separam, bem como a sua proximidade com o mar e mais, dados atualizados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022 dão conta que a cidade de Alcântara é o município do país que possui a maior proporção de população quilombola, cerca de 84,6% de sua população é quilombola, ou seja, são 15.616 quilombolas de um total de 18.466 habitantes da cidade.

O Maranhão apresenta uma pungente identidade local que lhe confere status de um dos estados da federação mais ricos e diversos em expressões culturais, tal lugar nos presenteia com o Tambor de Crioula, sendo esta uma manifestação cultural heterogênea, pulsante que está misturada ao meu fazer diário desde a primeira infância, quando pude acompanhar ensaios, apresentações de diversos grupos de Tambor de Crioula no centro histórico de São Luís, capital do estado do Maranhão e onde vivi durante muitos anos, a iniciar

na primeira infância até o início da adolescência quando me desloquei para a periferia da capital.

O Tambor de Crioula é tocado à base de muito suor e dança, seja para o lazer onde na maioria das vezes festeja-se pela passagem do aniversário de algum componente, ou mesmo por divertimento e outras por devoção à São Benedito, santo da igreja católica que é considerado protetor dos negros e padroeiro do Tambor nutrindo uma dimensão religiosa com a manifestação cultural, conta-se que São Benedito era filho de pessoas escravizadas da Etiópia, um dos países de África e que durante sua vida teve muita proximidade e empatia com pessoas marginalizadas socialmente, o Santo aporta em terras brasileiras pelas mãos do colonizador e ressignificado pelo fazer do povo, tanto que o Tambor de Crioula o adota como um santo que sendo de origem negra teria mais propriedade para ser o interlocutor nos pedidos realizados e no ir e vir das relações existentes, devolve-se o agradecimento do pedido e da graça alcançada com o rufar dos tambores e as pungadas das coreiras (Ferretti; Sandler, 1995).

A partir dessa perspectiva chamamos para o centro da pesquisa, as Mestras do Tambor de Crioula e seu protagonismo na ginga das saias, oportunamente, as Mestras neste trabalho são tratadas como pessoas únicas e multiplicadoras de saberes ancestrais que atravessam e resistem ao tempo, assumo a partir de agora a postura de uma aprendiz, [...] aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria” como aponta Grada Kilomba (2019, p. 27) e mais, disposta a aprender a ginga das saias, bem como essa maneira de ser, onde as pessoas compartilham o todo, pois eu “não sou objeto, mas o sujeito” (Kilomba, 2019) alargando assim, o ato político dessa escrita que pretende aproximar a Biblioteconomia e a Ciência da Informação dos conhecimentos ancestrais como um transgressor e verdadeiro retorno ancestral a fim de pensar nossas vivências e escrevivências neste lugar.

As Mestras pontuadas neste trabalho, são aquelas dirigentes dos grupos, que podem dançar ou não, e aquelas mestras que lhes foram imputadas tal título, seja por senioridade, ou saber notoriamente reconhecido e ancestral. A pesquisa não terá como foco as coreiras, todas as mulheres que dançam na roda do Tambor de Crioula, mas somente aquelas que possuem como direcionamento, a organização do grupo e aquelas que possuem notório saber na arte do Tambor de Crioula.

Assim, o ponto de partida se apresenta na seguinte pergunta: Como se dá a produção do conhecimento pelas Mestras do Tambor de Crioula de São Luís do Maranhão?

A necessidade por desvendar e compreender a pergunta motivadora, buscamos uma aproximação com a história da mulher negra deste país que se ancora no desprestígio de suas práticas, sejam elas políticas, sociais ou culturais. A mulher negra ainda na contemporaneidade é tratada como subproduto à margem da sociedade e, portanto, uma pessoa subalternizada.

As rodas de Tambor de Crioula, tem como cerne a resistência e a ancestralidade provenientes de povos afro-brasileiros e ameríndios e prevalece majoritariamente entre mulheres e homens negros, tal contorno e proposta de estudo nos posiciona no mundo e na academia, pois se outrora a Biblioteconomia e a Ciência da Informação fora compreendida pelo seu saber-fazer em espaços tradicionais (Arquivos, Bibliotecas e Museus), agora as mesmas se atentam as demandas da sociedade o que torna o estudo um tensionador que não objetiva demarcar de forma inflexível os campos trabalhados, mas identificar, interseccionar e redirecionar olhares distanciando-se de estudos neutros, insípidos e incolores.

Assim, este trabalho tem como objetivo: **Compreender como as mestras do Tambor de Crioula de São Luís do Maranhão produzem conhecimento, a partir de seus lugares e corpos políticos.**

Para isso, o trabalho está estruturado em 5 (cinco) seções: na primeira, “Introdução” apresentamos o contexto do estudo, destacando a importância da produção de conhecimento pelas mestras do Tambor de Crioula em São Luís do Maranhão, os objetivos da pesquisa e a relevância do tema para a valorização da cultura afro-brasileira e o empoderamento das mulheres negras, e findamos com a apresentação e estruturação do texto; na seção 2 “Produção de Conhecimento” apresentamos e discutimos os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa onde dialogam com a Biblioteconomia e a Ciência da Informação (BCI)<sup>1</sup> girando as saias para um entendimento que não há conhecimento uno, mas múltiplos e pluridiversos; na seção 3 “Metodologia” fundamentamos a interseccionalidade como o centro do método analítico juntamente com uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa, discorreremos sobre as entrevistas semiestruturadas e observação direta, com foco na compreensão das identidades das Mestras do Tambor de Crioula; na seção 4 “As Mestras do

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, recorreremos a Luciano Floridi (2010, p. 43) ao afirmar que a “BCI lida com conteúdos entendidos como dados significativos” e este fato não tem nada a ver com manipulação mecânica de dados e manejo de bites. Mais do que isso, a Biblioteconomia e Ciência da Informação estão relacionadas com “atividades de um ambiente semântico”.

Tambor de Crioula: seus lugares e corpos políticos enquanto pessoas que produzem conhecimento”, se atém a encruzilhar a teoria com a ação diária das Mestras, onde seus corpos ocupam um lugar na geografia da cidade, suas raízes estão em um território urbano de resistência e seu conhecimento demarca territórios que outrora foram silenciados; E por fim, na seção 5 apresentamos as “Considerações Finais”, ressaltando a importância da valorização e manutenção da cultura afro-brasileira, bem como o protagonismo das Mestras de Tambor de Crioula.

## **2 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

Para a construção do referencial teórico da pesquisa apresentamos autorias como Jonathas Luiz Carvalho Silva (2018); Renato Nogueira (2014); a intelectual Lélia González (2020); Boaventura de Sousa Santos (2006, 2009); Stuart Hall (1997); Henriette Ferreira Gomes (2017); Silvana Maria de Jesus Vetter (2018) e Grada Kilomba (2019). Desse modo, este trabalho foca-se nas discussões sobre Produção do Conhecimento nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, momento em que a escrita se propôs a dialogar indicando para um entendimento do não prevailecimento de um conhecimento uno, mas múltiplos e pluridiversos.

O aporte para a produção do conhecimento que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação nos propõe na contemporaneidade flerta e dialoga principalmente com as “[...] Ciências Humanas com áreas como a Filosofia, Sociologia, Educação, História, Antropologia e Psicologia e no campo das Ciências Sociais Aplicadas, como Comunicação, Administração e Economia” (Silva, 2018, p. 25) possibilitando as inúmeras trocas e trazendo para seu centro de visibilidades eixos diversos de análise em um ir e vir em que não há conhecimento uno, mas múltiplos e pluridiversos.

Acrescenta-se que este caminhar de produção de conhecimento na Biblioteconomia e a Ciência da Informação busca uma inserção de novos olhares para as estruturas, pois se a produção de conhecimento estava engendrada em categorias que se distanciaram das vivências culturais, sociais, políticas e cuja localização geopolítica mantinha-se distante das experiências, a proposição que se dá com esse trabalho é partir da “[...] problematização da invisibilidade do lugar histórico e político na construção de conhecimento e da pressuposição da neutralidade de um ‘sujeito universal’” (Nogueira, 2014, p. 22).

O reconhecimento de saberes e práticas de grupos se dá por um complexo processo de tensões que reflete as mais diferentes perspectivas e tal validação de conhecimentos adquiridos ao longo das vivências, torna-se alvo de disputas que envolvem questões políticas, culturais e sociais e epistemológicas importantes. No tambor de Crioula isso se dá numa passagem gradativa, pois as mãos que receberam e acolhem os conhecimentos são as mesmas que se tornam fundamentais para a passagem do mesmo refletindo a continuidade e perpetuação das práticas.

Dessa forma, políticas públicas que reconheçam demandas históricas dos movimentos sociais e culturais por direito à educação, seja ela formal ou não-formal é experienciar saberes e quando se fala de experiência “[...] quero dizer um processo de aprendizado difícil na busca de minha identidade como mulher negra dentro de uma sociedade que me oprime e me discrimina justamente por isso” (González, 2020, p. 140) o diálogo que estamos propondo ocorre na esfera da educação não-formal, ou seja se dá no âmbito de uma educação que cria possibilidades para construção e produção de conhecimento, onde o conhecimento é dinâmico e nos circunda no espaço em que vivemos.

A produção do conhecimento se descortina no agora conforme a intelectual Lélia González (2020, p. 310) nos indicava, pois “Nós ainda temos um grande trabalho pela frente no sentido de nos vermos como um país multiétnico, com uma diversidade de manifestações culturais e onde o lugar do negro em termos culturais é a grande fonte na qual toda a produção artística oficial vai se inspirar”, ou seja é na realidade que o conhecimento se torna possível, por meio dessa interação e a ciência se ocupa dos fenômenos e acontecimentos sociais como o destacado nesta pesquisa.

Nesse sentido, o giro das saias do Tambor de Crioula se torna uma luta por reconhecimento de seus saberes entendidos como incompletos e parciais, acaba-se por perceber que a resistência ocorre para além da cultura e choca-se com o modelo capitalista que constrói relações de desigualdade, marginalidade excludente entre o centro e a periferia, ademais, o próprio modelo capitalista é o representante da monocultura do saber, da implementação de uma supremacia de conhecimento científico que hierarquiza saber e sustenta intolerâncias (Santos, 2009).

Pretendeu-se até aqui aproximar-se do entendimento do quão fundamental é o reconhecimento de saberes, pois favorece o fortalecimento e a construção de identidades,

porém deve-se destacar que não há propósito por meio da própria identidade que o rigor acadêmico modele suas formas de conhecimento e percepção do mundo ao redor.

Ao buscar o diálogo com o entendimento de identidades e representações sociais com Stuart Hall (1997, p. 61), compreende-se que:

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra.

Para Stuart Hall (1997) a identidade é uma construção e não vem em nosso gene, assim as identidades são formadas e transformadas no interior das representações de uma determinada cultura, onde se compartilha vivências, saberes e memórias de forma coletiva, onde as pessoas são protagonistas de suas histórias.

Ademais, o protagonismo social que se postula na resistência, combate e enfrentamento face das diversas opressões, para este estudo,

O protagonismo social representa o caminho humanizador do mundo e, portanto, promissor da construção ética de relações sociais capazes de assegurar o espaço crítico, de dialogia, criatividade e alteridade. Esse espaço crítico potencializa a construção de zonas de consertos, já que nele os sujeitos expõem suas compreensões e argumentos, debatem acerca dos pontos de divergência e convergência de ideias, criando as condições para o estabelecimento e revisão de políticas, normativas, metas sociais e também verdades científicas (Gomes, 2017, p. 28).

Portanto é o entendimento que “o indivíduo se apropria de informações (acessa, interpreta, questiona e ressignifica), as transforma em conhecimentos e os utiliza para lutar por direitos que beneficiem a categoria a qual pertence, objetivando a reconstrução do seu contexto social para o bem coletivo”. como nos anuncia a pesquisadora Silvana Maria de Jesus Vetter (2018, p. 32) ao interpretar acerca do protagonismo social tendo por alicerce o caminhar da professora Henriette Ferreira Gomes, ainda Vetter (2018, p. 32) nos acrescenta fundamentalmente que

Esse diálogo é pautado em informação e conhecimento. Por isso, o acesso, o uso e a apropriação de informações tornam-se requisitos basilares ao funcionamento mais adequado de uma política democrática, inclusiva e mais igualitária, que favoreça os direitos, a autonomia, o protagonismo e a participação social, embora eles não sejam determinantes.

Tecer o cenário da Biblioteconomia e da Ciência da Informação no contexto da produção de conhecimento, torna-se essencial para o pensar de outras perspectivas, pois nos oferece um espiral de conhecimentos e saberes que juntos e de forma dialogada nos proporcionam um despertar para reflexões do cotidiano e para o nosso campo. Foi o que buscamos a todo momento com a pesquisa.

Coadunando com a Grada Kilomba (2019, p. 47) quando a mesma tece reflexões com base nos textos da teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak nos alerta acerca que

Ao argumentar que a subalterna pode falar, ela não está se referindo ao ato de falar em si; não significa que nós não conseguimos articular a fala ou que não podemos falar em nosso próprio nome. A teórica, em vez disso, refere-se à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo.

Nessa produção de conhecimento, onde as mulheres negras do Tambor de Crioula são protagonistas, tece-se o reconhecimento de seus saberes e suas práticas ancestrais como formadoras e constituintes de nossos saberes em solos sagrados.

### **3 METODOLOGIA**

A fundamentação teórico-metodológica ancora-se na interseccionalidade, trazida para o centro desta pesquisa, para entender os atravessamentos das avenidas de identidade presente nas categorias de análise propostas. O Tambor de Crioula, campo em que se desenvolve a pesquisa é uma manifestação cultural que transborda para um verdadeiro espetáculo de vida, criatividade, religiosidade afro-brasileira e apresenta-se como uma dança singular, também se destaca como uma forma extraordinária de celebrar a cultura afro-maranhense, possui suas raízes na tradição africana e acredita-se que chegou ao Maranhão juntamente com as pessoas que foram escravizadas em África (Ferretti, 2002).

Situamos esta pesquisa numa abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa, uma vez que trabalha com significados, valores, memória e saberes. Nesse girar de saias do Tambor de Crioula traz para o centro da roda, o pensar em uma descolonização do conhecimento como aponta Walter D. Mignolo (2008), um adentrar para a “desobediência epistêmica”, sendo esta, a via do “aprender a desaprender” reconhecendo saberes num fazer decolonial.

As Mestras do Tambor de Crioula foram as protagonistas da pesquisa, pessoas identificadas como fundamentais para o continuar do legado do Tambor na cidade de São Luís



do Maranhão, além de ser elos importantes no processo de transmissão oral de saberes, pois afinal é de seu protagonismo que este trabalho se propôs a investigar. Para isso, como instrumentos de coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada.

As Mestras aqui pontuadas fazem parte de um grupo de mulheres que conseguiram romper com as adversidades culturais e sociais e se assentaram enquanto formadoras de novas gerações de coreiras de Tambor de Crioula. Utilizou-se também a observação direta, nesse ambiente o(a) observador(a) tem a oportunidade de vivenciar de forma mais imersiva e realista o contexto em que tais fenômenos se manifestam.

No que tange o método para análise e interpretação dos dados lançaremos mão da corrente teórico-metodológica da interseccionalidade, essa corrente teórica quando utilizada como metodologia “[...] impede reducionismos da política de identidade – elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais” como nos apresenta Carla Akotirene (2019, p. 59), tal método também se vale de três premissas, sendo a primeira tratar da “1. instrumentalidade conceitual de raça, classe, nação e gênero; 2. sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários; 3. atenção global para a matriz colonial moderna, evitando desvio analítico para apenas um eixo de opressão” (Akotirene, 2019, p. 19).

#### **4 AS MESTRAS DO TAMBOR DE CRIOULA: SEUS LUGARES E CORPOS POLÍTICOS ENQUANTO PESSOAS QUE PRODUZEM CONHECIMENTO**

A atenção deste trabalho foi destinada às três mestras do Tambor de Crioula. As saias giraram em torno das Mestras: Mestra Rosa Barbosa, Mestra Roxa, Mestra Maria do Côco.

Para o Rufar dos Tambores, ou seja, nossa primeira etapa da análise, trouxemos o fogo, aquele elemento que afina os instrumentos, ou seja, é quando se permite ser forjado pelo calor do fogo permitindo nossa identificação, ou seja, a parte primeira de nosso questionário e que responde a primeira inquietação dessa pesquisa.

Mestra Maria Barbosa, se identifica assim: *Eu danço tambor de crioula desde os cinco anos de idade, porque meu pai ele era coreiro, né, no interior de Cururupu* (Região do estado conhecida por baixada maranhense) *ai minha vó era caixeira* (mulheres que tocam caixa, nas

mais diversas Festas de Santo, a mais comum é a Festas do Divino Espírito Santo) *aí eu dançava com eles desde os cinco anos com eles, daí eu vim pra cá (São Luís) com dez anos* (p. 1).

Portanto, quando questionada acerca de seu lugar no mundo, se a Cidade de Cururupu, no interior do estado do Maranhão ainda é seu território, Mestra Rosa Barbosa (2023, p. 1), nos diz: *Sou, sim, mas moro aqui desde os 10 anos. Quando eu vim pra cá, eu morei primeiro na Fé em Deus e depois que eu vim pra cá pra Liberdade, depois que eu comprei minha casa aqui aí eu vim pra cá, tá com 44 anos que eu moro aqui na Liberdade.*

Pensando na perspectiva do lugar geográfico esse primeiro momento de aproximação se deu em torno no primeiro quilombo urbano de São Luís do Maranhão, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares (FCP) através da Portaria de número 192, datada de 13 de novembro de 2019, que compreende os bairros da Liberdade, Camboa e Fé em Deus, onde existe uma grande efervescência cultural, religiosa, política e de resistência da população negra, os bairros se destacam como o primeiro bairro predominantemente de negros, sejam vindos das mais diferentes cidades da Baixada Maranhense como, Guimarães, Pinheiro, Viana, São João Batista e também da cidade de Alcântara provenientes de seis comunidades quilombolas que tornaram o bairro da Liberdade o bairro cuja maior população é quilombola, cujos descendentes formam a maior população preta da Ilha do Maranhão (Assunção, 2017; Silva, 2016).

A próxima Mestra a entrar e perfumar a roda de Tambor é a Mestra Roxa, uma das Mestras mais populares da Ilha de São Luís, observamos que talvez isso se deva a sua sempre bem-humorada forma de conversar e por ter participado da pesquisa do professor e antropólogo Sergio Ferretti intitulada Ritual e espetáculo fonte amplamente estudada e discutida acerca do Tambor de crioula no Maranhão.

Mestra Roxa é sempre muito acessível e participa além do Tambor de Crioula, de outras manifestações culturais do Maranhão como o Cacuriá, onde é caixeira. Para Mestra Roxa, o Rufar dos Tambores ocorre no bairro do Coroadinho, bairro da periferia da capital maranhense, *“Eu sou natural do Quilombo de Santa Rosa dos Pretos, na Cidade de Itapecuru, nasci no dia 6 de maio. Já moro aqui a tanto tempo que nem sei mais quanto tempo”* (p. 1).

Mestra Maria do Coco, põe os Tambores pra Rufar assim: *“Meu aniversário é 20 de janeiro, do ano de 1943. Na verdade, eu sou de Bequimão, mas me criei em Guimarães, em Porto de Baixo. Sou de Guimarães, eu digo, porque meus pais são de lá de Guimarães”* (p. 3). Meu encontro com Mestra Maria do Coco se deu em sua casa também sede do Tambor de

Crioula Manto de São Benedito, no bairro afastado da cidade chamado Cidade Olímpica, pois foi ocupado pelo Movimento dos sem-teto à época das Olimpíadas de Atlanta em 1996, surge daí o nome da ocupação que virou um dos bairros mais populosos da cidade de São Luís e considerada uma das maiores ocupações da América Latina de acordo com o Dicionário de Favelas Marielle Franco (2024). Ainda Mestre Maria do Coco (2023, p. 3) completa, *“Minha Filha, eu ajudei a ocupar isso aqui, foi muito difícil na época, mas consegui a minha casa e ainda um terreninho que tenho mais ali pra frente”*.

Identificada cada uma das três Mestras de Tambor de Crioula, percebemos que as mesmas se deslocaram de seus territórios primeiros (onde nasceram) para a capital São Luís, sendo que os territórios para onde as Mestras se dirigiram são locais da periferia da cidade. Nesse estudo a periferia e a produção de conhecimento deixa esse lugar de margens e torna-se o centro das ações, observações e análises dessa investigação.

Para tanto, trouxemos a intelectual Grada Kilomba (2019, p. 54) para nos explicar que a escassez de pesquisas nessa direção, ocorre

Devido ao racismo, pessoas negras experienciam uma realidade diferente das brancas e, portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de maneira diferente. Os temas, paradigmas e metodologias utilizados para explicar tais realidades podem diferir dos temas, paradigmas e metodologias das/os dominantes. Essa "diferença", no entanto, é distorcida do que conta como conhecimento válido. Aqui, inevitavelmente tenho de perguntar, como eu, uma mulher negra, posso produzir conhecimento em uma arena que constrói, de modo sistemático, os discursos de intelectuais negras/os como menos válidos.

Nesse sentido, para o pesquisador Sérgio Ferretti (2002, p. 15) se fez necessário identificar as pessoas do Tambor

Propomo-nos não apenas a descrever a dança, mas também a evidenciar elementos esclarecedores sobre o contexto social no qual a mesma se insere. Seus produtores são predominantemente descendentes de negros, que pertencem a setores das classes menos favorecidas dos meios urbanos e rurais, e que desempenham entre outras atividades, as de estivadores, domésticas, feirantes, lavradores, pescadores, etc.

Interpretar a geopolítica do lugar nos auxilia amplamente nessa análise, pois nos direciona a perceber as relações entre espaço e poder de modo que a geopolítica do conhecimento tem nos permitido refletir acerca das hierarquias do saber, poder e espaço como às identificadas acima, cabe uma problematização acerca desses espaços, mas para essa pesquisa nos atentamos a identificar geopoliticamente as Mestras do Tambor de Crioula nessa

rede que interliga territórios, produção de conhecimento, gênero, raça, classe, marcadores que cotidianamente atravessa as mulheres Mestras do Tambor de Crioula de São Luís do Maranhão.

Em meados de 1977, cerca de 47 anos atrás, Domingos Vieira Filho (1977, p. 21) pontuava, “A área geográfica de ocorrência do Tambor de Crioula é extensa e a brincadeira persiste viva, dinâmica em mais de 30 municípios maranhenses, do litoral ao sertão”.

Para a segunda etapa da análise que intitulamos de “Bora pra roda, Mulher!” Ou seja, quando todos os elementos constitutivos da roda, estão em pleno fluir e para que tudo ocorresse bem, questões como o racismo e sexismo precisavam ser identificadas e confrontadas a fim de se perceber que

A reivindicação de feministas negras não é classificar as estruturas de opressão de tal forma que mulheres negras tenham que escolher entre a solidariedade com homens negros ou com mulheres brancas, entre "raça" ou gênero, mas ao contrário, é tornar nossa realidade e experiência visíveis tanto na teoria quanto na história. (Kilomba, 2019, p. 108).

Nesse sentido, Mestre Roxa (2023, p. 4) ao ser questionada se percebe alguma discriminação pelo fato de ser mulher, nos esclarece assim “[...] *isso muda muito quando se é mulher e quer arrumar uma roda de Tambor, acontece demais, tanto nas rodas de Tambor que eu vou quanto em outras rodas, acontece muito quem tá de dizendo sou eu, eu vejo é coisa*” e continua “*Isso porque é mulher que tá arrumando a roda. O negócio é fazer as coisas de coração mesmo, com fé*”.

A narrativa da Mestre Roxa, vai ao encontro do que a intelectual Lélia Gonzalez (2020, p. 76) nos descortinava, pois

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.

Para Mestre Rosa Barbosa (2023, p. 4), o racismo praticado nunca fez muita diferença para ela, pois como ela mesma se refere: “*Ah! Isso aí tem muito mas eu não ligo, eu já viajei muito conheço 27 estados rodando muito o Brasil com caixa, agradeço muito a São Benedito, já viajei muito com tambor, com caixa, com boi e mais graças à Deus aonde eu vou nunca me trataram com indiferença, na verdade sempre quiseram eu ali*”.

O fundamento que alicerça as bases dessa análise nasce pelas vias teórico-metodológicas da interseccionalidade e

O pensamento interseccional nos leva reconhecer a possibilidade de sermos oprimidas e de corroborarmos com as violências. Nem toda mulher é branca, nem todo negro é homem, nem todas as mulheres são adultos heterossexuais, nem todo adulto heterossexual tem locomoção política, visto as geografias do colonialismo limitarem as capacidades humanas (Akotirene, 2019, p. 45).

Em uma identificação tão plural como a que se apresentou, trago para a roda aquela narrativa mais íntima e formadora das mulheres Mestras do Tambor de Crioula, pois todas possuem em sua formação uma referência que lhe influenciou e forjou. Para a Mestra Maria do Coco (2023, p. 3): [...] *minha mãe e minha vó pra mim foram tudo de mais importante, a minha vó era dona de tambor e bumba boi em Guimarães, em Porto de Baixo (Comunidade Quilombola de Guimarães), minha vó fazia brincadeira de era pastor, era quadrilha, tudo minha vó fazia, bumba boi, tambor de crioula, baralho, tudo isso minha vó fazia e eu ali dentro, eu pequenininha me levavam e eu ia.*

Corroborando com Lélia Gonzalez (2020, p. 201) essa análise se fez por também acreditar que

A valorização da mulher pelas diferentes culturas negro-africanas sempre se deu a partir da função materna. É por aí que a gente pode entender, por exemplo, a importância que as "mães" e "tias" iriam ter não só na formação e desenvolvimento das religiões afro-brasileiras (candomblé, tambor de mina, umbanda etc.) como também em outros setores da cultura negra no Brasil.

Nesse movimento, a Mestra Roxa (2023, p. 1), também se volta para sua matriarca a fim de compartilhar a felicidade de ter tido essa referência em sua formação, assertivamente diz: *A referência maior que eu tenho é minha mãe. Eu aprendi tudo com a minha mãe que era caixeira do Divino Espírito Santo, não era dona de grupo de Tambor de Crioula, mas dançava muito Tambor de Crioula, ela é a minha grande inspiração [...] E ela dizia isso aqui vai servir pra você. Ela naquele tempo já dizia do jeito dela que eu ia pra frente com Tambor.*

A rodada das saias para a Mestra Rosa Barbosa (2023, p. 3), nos demarca um outro olhar que lhe assegura a firmeza de ser quem é, pois, a sua referência parte da “[...] *mulher forte sou eu mesma, porque eu sempre tive essa vontade de ser, eu canto tambor, entendeu, eu ensino o que eu sei, então eu mesma de mim mesma minha força de vontade entendeu?*”

As saias que giraram aqui pelas vias dessa análise se identificam com o que bell hooks (2020, p. 262) nos diz

[...] o amor como base de todos os movimentos sociais por autodeterminação, é a única maneira de criarmos um mundo que a dominação e o pensamento dominador não conseguem destruir. Sempre que fazemos o trabalho do amor estamos executando o trabalho de acabar com a dominação.

Nós, mulheres negras do mundo inteiro, temos uma longa história de luta para superarmos nossas feridas, para sobrevivermos à dor e, ainda assim, ficarmos de pé.

Compreendemos que a análise trazem para a roda, a cor, a luz e o tom do Tambor de Crioula, pois as Mestras protagonistas dessa escrita, produzem conhecimento singular, que parte de um lugar que permite nossas subjetividades e que dão visibilidade às desigualdades e aos silenciamentos impetrados ao povo negro. O conhecimento descortinado no agora enfatiza o olhar descritivo e interpretativo de quem se vê partícipe do poder e da ciência uma vez que está nas mãos de mulheres pretas, mesmo que, por vezes, em teorias eurocêntricas, as negue e não dê conta de explicar nossas vivências no mundo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa buscou e se atentou para protagonismo de mulheres negras e sua produção de conhecimento como Mestras do Tambor de Crioula de São Luís do Maranhão. Contudo, é importante considerar outras perspectivas que surgiram ao longo da trajetória da pesquisa, tais como a de se pensar políticas públicas que atendam especificamente a realidade da Mestras do Tambor de Crioula, de forma que seus saberes também lhe sirvam para sua subsistência cotidiana uma vez que são responsáveis por transmitir conhecimentos e tradições que não se postulam em livros didáticos, mas vivencia-se na prática cotidiana.

Nesse sentido, refletimos sobre a sociologia das ausências de Boaventura Sousa Santos (2006) onde nos apresenta um olhar para sul a partir do sul, que foi o que buscamos com a pesquisa e não seus entrelaçamentos com o norte, nos propusemos também a pensar a mulher sem necessariamente relacionar o homem, ousando aqui dizer pensar a Biblioteconomia e a Ciência da Informação sem as paredes que a cercam, a fim de olhar para fora das totalidades, tudo isso para se pontuar que existem outros saberes e estes são válidos, pensar

unicamente que o saber que tem rigor é o saber científico a isso Boaventura (2006) chamou de “monocultura do saber” que produz inexistências e apagamentos através da ignorância.

Portanto, há saberes ancestrais produzidos pelas Mestras do Tambor de Crioula e a elas toda a nossa escrita, pois sempre foi nosso interesse a valorização de tais saberes considerados à margem, por isso assumimos uma postura de orgulho no pensamento que se constrói e que pesquisas futuras possam dialogar a fim de pontuar uma Biblioteconomia e uma Ciência da Informação que valorizam o conhecimento negro e ancestral.

### REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. 143 p. (Feminismos Plurais).

ASSUNÇÃO, Ana Valéria Lucena Lima. **“Quilombo urbano”, liberdade, camboa e fé em Deus: identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.**

FERRETTI, Sergio (org.). **Tambor de Crioula: Ritual e espetáculo**. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002.

FERRETTI, Sérgio; SANDLER, Patrícia. Tambor de crioula. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís, v. 3, ago. 1995.

FLORIDI, Luciano. Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) como filosofia da informação aplicada: uma reavaliação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 37-47, jul./dez. 2010.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com a vida ativa e ação comunicativa à luz de hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-25.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In*: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções, diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 127-138.

HALL, Stuart. **The work of representation: representation, cultural representations and signifying practices**. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**: Dossiê: literatura, Línguas e Identidades. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF, 2008.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a Lei 10.639/03**. Rio de Janeiro: Pallas/Biblioteca Nacional, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Introdução. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2009. p. 9-19.

SILVA, Joana Barbosa Vieira da. **Tudo isso era maré**: origens, consolidação e erradicação de uma favela de palafitas em São Luís do Maranhão. 2016. Dissertação (Mestrado) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas Sociais em biblioteconomia: percepções e aplicações. *In*: SPUDEIT, D. F. A. de O.; MORAES, M. B. de (org.). **Biblioteconomia social**: epistemologia transgressora para o Século XXI. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. p. 25-47. (Coleção Estudos ABECIN; 07).

VETTER, Silvana Maria de Jesus. **Informação no protagonismo social, na garantia dos direitos e satisfação de necessidades dos idosos**: centros de convivência do Rio de Janeiro e São Luís. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2018.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Folclore brasileiro**: Maranhão. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE/CDFB, 1977.